

Depressão e contemporaneidade: a psicanálise como forma de tratamento a partir de uma leitura de Byung-Chul Han

*Depression and contemporaneity: psychoanalysis as
a form of treatment from a reading of Byung-Chul Han*

*Depresión y contemporaneidad: el psicoanálisis como forma
de tratamiento a partir de una lectura de Byung-Chul Han*

Lucas Koltun Sanvesso*
Marcos Nalli**

Resumo

O aumento alarmante de casos de depressão na atualidade faz da depressão um assunto urgente a ser debatido. A pesquisa teórica, bem como o diálogo entre diferentes campos de conhecimento acerca do tema, é uma maneira de fazer avançar sua compreensão. Pretende-se obter um panorama da depressão na atualidade e, a partir dessa perspectiva, propor a psicanálise como método de tratamento para as depressões. Por meio da comparação textual e argumentativa das obras do filósofo Byung-Chul Han e comentadores da teoria psicanalítica lacaniana, o estudo aborda o sujeito contemporâneo como produto dos ideais neoliberais, atravessado por valores calcados em uma lógica de mercado. A depressão, vista a partir dessa ótica, é efeito dos organizadores sociais, e o contexto contemporâneo de formação subjetiva sinaliza para a continuidade do aumento no número de casos de depressão. Em face disso, a psicanálise revela ser um método de tratamento possível para esse sujeito depressivo.

Palavras-chave: *Depressão; Contemporaneidade; Byung-Chul Han; Psicanálise.*

* Universidade Estadual de Londrina, PR. Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1169-395X>.
E-mail: lsanvesso@gmail.com

** Universidade Estadual de Londrina, PR. Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6476-1472>.
E-mail: marcosnalli@yahoo.com

Agência de fomento: Universidade Estadual de Londrina

Abstract

The alarming increase in cases of depression today makes it an urgent matter to be debated. The Theoretical research, as well as the dialogue between different fields of knowledge on the topic is a way to advance its understanding. The research intends to obtain an overview of depression today, and from this perspective, to propose psychoanalysis as a treatment method for depression. Through textual and argumentative comparison of the works from the philosopher Byung-Chul Han and lacanian's psychoanalysis theory scholars, the search approaches the contemporary subject as a product of neoliberal ideals, influenced by values based on a market logic. Depression, seen from this perspective, is an effect of social organizers, and the contemporary context of subjective formation signals for the continued increase in the number of depression cases. Faced with this, psychoanalysis proves to be a possible treatment method for this depressive subject.

Keywords: *Depression; Contemporaneity; Byung-Chul Han; Psychoanalysis.*

Resumen

El alarmante aumento de los casos de depresión en la actualidad hace que la depresión sea un asunto urgente por debatir. La investigación teórica, así como el diálogo entre diferentes campos de conocimiento sobre el tema, es una forma de avanzar en su comprensión. Se pretende obtener un panorama de la depresión actual y desde esta perspectiva proponer el psicoanálisis como método de tratamiento de la depresión. A partir de la comparación textual y argumentativa de las obras del filósofo Byung-Chul Han y comentaristas de la teoría psicoanalítica lacaniana, el estudio aborda el sujeto contemporáneo como producto de ideales neoliberales, atravesado por valores basados en una lógica de mercado. La depresión, vista desde este punto de vista, es un efecto de los organizadores sociales, y el contexto contemporáneo de formación subjetiva señala el continuo aumento en el número de casos de depresión. Ante esto, el psicoanálisis resulta ser un posible método de tratamiento para este sujeto depresivo.

Palabras clave: *Depresión; Contemporaneidad; Byung-Chul Han; Psicoanálisis.*

INTRODUÇÃO

Atualmente, vivemos um aumento constante dos casos de depressão no mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), entre 2005 e 2015, o número de casos de depressão no mundo aumentou 18% e, no Brasil, a depressão atinge 5,8% da população. Os sintomas da depressão, segundo o

Manual estatístico e diagnóstico das doenças mentais (DSM-V), englobam: sentir-se deprimido na maior parte do tempo; anedonia, isto é, diminuição do interesse ou prazer em atividades rotineiras; insônia ou hipersonia; perda ou ganho significativo de peso; problemas psicomotores; fadiga; dificuldade de concentração; sensação de inutilidade ou culpa excessiva; apatia, assim como ideias recorrentes de morte ou pensamentos suicidas.

O tipo e a gravidade do estado depressivo são medidos a partir da recorrência e/ou predominância dos sintomas. A estimativa de casos de suicídio entre os depressivos é de 15% (Kehl, 2015) e, em 1995, nos Estados Unidos, mais jovens morreram por suicídio do que pela soma de câncer, aids, pneumonia, derrame, doenças congênitas e cardíacas. A expectativa de um norte-americano experimentar sintomas de depressão é de 50%, e de sofrer um episódio depressivo é de 10%. A depressão cresce ainda mais nos países desenvolvidos, especialmente em crianças e jovens. A maioria daqueles que buscam ajuda recebe tratamento inadequado, ou não recebe tratamento algum (Solomon, 2018).

A depressão mata, de forma silenciosa e desinteressada, ao passo que suas causas e marcas nos passam despercebidas no cotidiano, o que aumenta suas vítimas. Tal condição nos convida a debruçar sobre o tema e pensar seu aumento vertiginoso nos últimos tempos e na atualidade. Portanto, buscaremos compreender, a partir de uma perspectiva teórica, o aumento de casos de depressão na atualidade e estabelecer um debate teórico a partir de autores atuais que versam sobre o assunto no campo da filosofia e da psicanálise, apoiando-nos na teoria do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han e em comentadores da psicanálise lacaniana.

A discussão se desenvolve a partir da noção de contemporaneidade elaborada por Han (2017a, b, c) como o tempo de uma sociedade da positividade, que nega o conflito e o negativo, assim como o sujeito que advém desse contexto e sua relação com os organizadores sociais que sustentam essa posição diante da vida. A partir disso, a depressão será pensada como produto dos modos de subjetivação contemporâneos, contrapondo o sentimento de tristeza, tão presente nos depressivos, à noção contemporânea de felicidade. Nesse contexto a depressão será vista como sintoma social, e o método psicanalítico como forma de tratamento para as depressões.

A depressão se mostra como problema inadiável para se compreender na atualidade, e confrontar o tema com campos diversos do conhecimento pode nos levar a novas perspectivas para se abordar a questão e suscitar formas diversas de reflexão e abordagem do transtorno, bem como possibilidades de tratamento. Nesse sentido, o trabalho pretende obter um panorama da depressão na atualidade, assim como abordar a psicanálise como via de tratamento a partir do diálogo teórico com pensadores atuais do tema das depressões.

METODOLOGIA

Tratando-se de uma pesquisa teórica, este trabalho se orientou pelo debate teórico entre o campo da psicanálise e a análise filosófica acerca da contemporaneidade e das depressões.

Para a pesquisa, utilizou-se, como base de dados, o portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e o Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os critérios de inclusão e de exclusão foram delimitados a partir de artigos que abordassem o tema das depressões, suas formas de tratamento, bem como a contemporaneidade, inseridos no campo da psicologia e da filosofia, utilizando as chaves de pesquisa “depressão”, “contemporaneidade”, “felicidade”, “modernidade”, “tratamento” e “psicanálise”. A partir desses descritores, trabalhou-se com artigos encontrados nas bases de dados, publicados em revistas de psicologia, em conjunto a livros de Byung-Chul Han e a livros de comentadores da psicanálise lacaniana.

A análise dos textos se voltou para uma leitura crítica e comparativa da argumentação dos autores sobre o tema das depressões, sua concepção e relação com a contemporaneidade, em que se buscam convergências e divergências sobre o tema no campo da filosofia e da psicanálise.

A partir da análise das condições atuais do laço social e do sujeito contemporâneo, o trabalho visou obter um panorama da depressão na atualidade, sob uma perspectiva teórica, e propor a psicanálise como forma de tratamento para a depressão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sujeito contemporâneo e a depressão

A contemporaneidade, segundo Han (2017) se organiza a partir de uma lógica do excesso, por uma exacerbação de positividade, em que não há espaço para o outro, para o negativo, para a diferença, para o contraditório, o que tem formado, se pensado em termos freudianos (Freud, 1996), um contexto demasiadamente narcisista, egocêntrico. A contemporaneidade, segundo Han (2017a, p. 10), “caracteriza-se pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza.” Desaparecimento aqui entendido não como sua extinção, mas como o movimento da tentativa de negar a alteridade, o negativo, no sentido da diminuição progressiva da alteridade como modo de subjetivação possível para os sujeitos, para a constituição subjetiva. Diante desse cenário, é produzida não a eliminação da alteridade, mas uma espécie de pulsão pelo identitário, um esforço de negar o negativo, o outro, a alteridade. Quando se faz isso, não se afirma o eu ou o indivíduo de forma benéfica, mas, ao contrário, compromete-se a estrutura básica da constituição de qualquer subjetividade.

A partir de uma perspectiva imunológica em que a alteridade causa imunorreação, Han admite que o tempo atual é contrário a qualquer forma de imunorreação, sendo o discurso cultural e o sentimento da vida permeados pela hibridização, em que tudo se torna o mesmo (Han, 2017a). Com base nessa perspectiva imunológica, Han afirma que o outro é o negativo:

A dialética da negatividade é o traço fundamental da imunidade. O imunologicamente outro é o negativo, que penetra no próprio e procura negá-lo. Nessa negatividade do outro o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar àquele. A autoafirmação imunológica do próprio, portanto, se realiza como negação da negação. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro. (Han, 2017a, pp. 13-14)

Dessa forma, pensar “o desaparecimento da alteridade significa que vivemos em uma época pobre de negatividades” (Han, 2017a, p. 14). Han não está negando a alteridade e sua presença, mas apresenta seu argumento

no sentido de mostrar um traço da contemporaneidade que se constrói a partir de uma promessa, o que em termos freudianos pode também ser entendido enquanto fantasia (Freud, 1996a) de autossuficiência, da possibilidade de o sujeito se valer somente por si mesmo, de não depender do outro, da relação com o diferente. Lido sob uma dimensão política, é o movimento de transformar todos em indivíduos atomizados e fechados em si mesmos, a partir de uma promessa, ou fantasia, de autossuficiência. Esta é a marca da contemporaneidade, a promessa de um projeto de autossuficiência para o indivíduo, cuja realização, para Han, não é possível (Han, 2017b).

É devido ao contexto atual de subjetivação estar fundamentado em tal fórmula e os indivíduos estarem embebidos desses ideais, convencendo-se dessa fantasia ou acreditando nessa promessa que outros tipos de adoecimento e sofrimento psíquico se tornam preponderantes, como formas de sofrimento psíquico ainda mais radicais das que, até então, vivíamos.

Atribuir os modos de sofrimento e as patologias atuais à lógica da nossa época é dizer que esses estados patológicos são decorrentes de um exagero de positividade (Han, 2017). O diagnóstico de Han aponta para uma fantasia de autossuficiência, de independência do outro, que se produz na contemporaneidade e que tem levado os indivíduos ao adoecimento psíquico. Para Han, esse excesso de positividade constitui, então, uma forma de violência para o sujeito, ao afirmar que “a violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual” (Han, 2017a, p. 15). Seguindo ainda uma noção imunológica, afirma que “o igual não leva à formação de anticorpos” (Han, 2017a, p. 16). Desse modo, “a violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva, e por isso é inacessível a uma percepção direta” (Han, 2017a, p. 20). Dessa forma, o autor pensa a depressão como “o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade” (Han, 2017a, p. 29).

De uma sociedade que se constrói negando negatividades advém um sujeito que, constantemente se afirmando, vê-se como um projeto de si mesmo, gerindo sua vida como uma proposta lucrativa que garanta sucesso e bom desempenho. Um planejamento de vida voltado para “uma versão fantasiosa da vida humana como um investimento no mercado de futuro”

(Kehl, 2015, p. 56). “O eu como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coerções internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização” (Han, 2018, p. 9). Essa forma de subjetividade é fruto de um sistema político e econômico que visa ao desempenho e ao lucro que, com a sensação de liberdade promovida pela negação da negatividade, explora o sujeito do desempenho promovendo sua autoexploração. “Em lugar da coação estranha, surge a autocoação, que se apresenta como liberdade” (Han, 2017a, p. 101).

O neoliberalismo se mostra como a forma política progenitora desse sujeito que se vê como um projeto de si e que administra essa forma subjetiva por meio da exploração da liberdade:

O neoliberalismo é um sistema muito eficiente na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado. Explorar alguém contra sua própria vontade não é eficiente, na medida que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro. (Han, 2018, p. 11)

Ao analisar a relação da ideologia neoliberal e o modo de subjetivação que ela produz, Han (2018, p. 16) afirma que “o capital representa uma nova forma de subjetivação”. Foucault, em *Nascimento da biopolítica* (2008), já analisara o neoliberalismo e a forma de subjetivação que ele produz para fundamentar sua teoria sobre o *homo oeconomicus*, caracterizando-o como “aquele que obedece ao seu interesse, é aquele cujo interesse é tal que, espontaneamente, vai convergir com o interesse dos outros.” (Foucault, 2008, p. 369).

A ideologia neoliberal se tornou a forma de subjetivação da contemporaneidade, formando sujeitos permeados pelo discurso da lógica de mercado. Dessa forma, o *homo oeconomicus* constitui um sujeito que, sempre buscando seus próprios interesses, é governável, e governado, pela ideologia neoliberal (Foucault, 2008). É na perspectiva do homem econômico que temos, na contemporaneidade, o que Han (2018) chama de sujeito do desempenho, marcado pelo imperativo capitalista de produção. Voltando

a Foucault (2008, p. 375), deparamo-nos com a lógica de mercado e de desempenho que atravessa esse sujeito: “Não só cada um pode perseguir seu próprio interesse, mas cada um deve perseguir seu próprio interesse, deve persegui-lo até o fim procurando levá-lo ao seu ponto máximo”.

O homem, que era tido como um sujeito da racionalidade, da política, tornou-se, agora, econômico. O mercado passa a formar sua subjetividade. A ação do sujeito contemporâneo é entendida através da economia, seu discurso é o discurso econômico (Foucault, 2008). Foucault apresenta o homem econômico não como um sujeito livre, mas como um sujeito governável. É nisso que Han (2018, p. 27) localiza uma crise da liberdade: “A atual crise da liberdade consiste em estar diante de uma técnica de poder que não rejeita ou oprime a liberdade, mas a explora”.

É, então, a exploração da liberdade que serve como técnica de manutenção da noção contemporânea de sujeito como um projeto de si, que se torna autoexploração no discurso do desempenho. Assim, o sujeito é coagido por ele próprio, fica submisso a si mesmo, fazendo com que liberdade e coação coincidam (Han, 2018). A coação estranha é negativa, é resistente ao desempenho e à produção acelerada, logo, “em lugar da coação estranha, surge a autocoação, que se apresenta como liberdade.” (Han, 2017a, p. 101). Para maximizar seu desempenho é que o sujeito contemporâneo, como um projeto de si, entrega-se à autocoação (Han, 2017a).

A partir da noção do *homo oeconomicus* como tributário da auto-coação, vinda do discurso neoliberal, é que se pode entender o regime neoliberal como administrador dessa forma de subjetividade. De um sujeito como projeto de si:

O regime neoliberal transforma a exploração imposta por outros em uma autoexploração que atinge todas as classes. . . . E, por causa do isolamento do sujeito de desempenho explorador de si mesmo, não se forma um nós político capaz de um agir comum. Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso. Aí está a inteligência peculiar do regime neoliberal: não permite que emergja qualquer resistência ao sistema. (Han, 2018, p. 16)

Esse regime que pauta uma autoexploração acompanhada do sentimento de liberdade, em nome da produção e do desempenho, manifesta uma forma de violência contra o sujeito: a violência da positividade. Han, em *Topologia da violência* (2017, p. 25), escreve que “o projeto revela ser, na verdade, um projétil que o sujeito de desempenho direciona contra si”. O produto dessa violência é um sujeito que adoece com o imperativo da otimização de si, explorado que se torna depressivo e não revolucionário (Han, 2018).

É pela negação do outro, o diferente – que constitui barreira ao próprio, à produção e ao desempenho – portanto, o negativo, que se erige uma sociedade da positividade. Assim, a sociedade do desempenho se afasta da negatividade, positiva todas as coisas em uma lógica consumível, de mercado e de desempenho, tornando tudo igual a si mesmo, em que se expulsa a interferência do negativo e sua resistência (Han, 2017a). Chul Han, em *Agonia do Eros* (2017b, p. 35) diz que “a alteridade não é uma diferença consumível. O capitalismo vai eliminando por toda parte a alteridade a fim de submeter tudo ao consumo”.

O empobrecimento das relações com a alteridade, com o negativo, com o enfrentamento do conflito, forma sujeitos intolerantes ao conflito, o que compromete o desenvolvimento da identidade do sujeito. De acordo com Ferrari:

O que ocorre é que atualmente o encontro com a diferença nem sempre é vivido como potência de vida. Ao contrário, diante da escassez de possibilidades de ser e de parecer, o terror e a negação apresentam-se como frequentes. Aqui, novamente, há a convergência de processos sociais e psicológicos: a valoração negativa dada a tudo que não é igual a mim encontra apoio tanto ‘dentro’ quanto ‘fora’ do sujeito. Embora seja necessário o encontro com o não-eu para o estabelecimento do eu, temos também atuantes forças que nos empurram para a mesmice, para a repetição. Num mundo controlado pelo capital, em que a lógica das ciências e dos saberes se submete às leis do valor e do mercado, perde-se este traço de humanidade que constitui a capacidade de ampliar-se diante do encontro com o diverso. . . . Diante destas condições, os laços de confiança, de inventividade e de exploração do desconhecido não têm espaço para se realizar. Logo, a singularidade necessária ao processo de individuação não acontece. (Ferrari, 2006, p. 6)

Para uma menos custosa governabilidade dos sujeitos, é interessante ao sistema neoliberal a produção de uma identidade frágil, desenraizada, que possa ser coagida a livremente se adequar à lógica do mercado sem precisar ser mandada a isso. Logo, Han (2017a, pp. 96-97) afirma que:

As formas conclusivas que poderiam dar um “conteúdo” estável ao si-mesmo, torná-lo-iam muito inflexível para as relações de produção capitalistas. As formas conclusivas bloqueiam precisamente a aceleração do processo de produção capitalista. Com quanto mais frequência se troca de identidade, tanto mais se impulsiona a produção. . . . a sociedade do desempenho não industrial necessita de uma pessoa flexível, para poder aumentar a produção.

Uma identidade pobre em formas conclusivas a respeito de si se revela nos traços característicos do sujeito atualmente tido como depressivo: a apatia, a indecisão, a inconclusividade. Tal sujeito não encontra um limite entre si e o outro e, aliado ao discurso do desempenho, não admite formas conclusivas, que representam um fechamento, uma parada, contrários à produção desenfreada do neoliberalismo e à otimização de si (Han, 2017c). Também não permite que haja limite a si e está engolido em si mesmo, não conseguindo compor imagem estável de si mesmo em relação ao diferente; não se permite a possibilidade de se distanciar de si mesmo, pois não há espaço para o vazio (Han, 2017b). “O sujeito do desempenho depressivo mergulha e se afoga em si mesmo” (Han, 2017b, p. 11). Com isso, é produzido um esvaziamento subjetivo nesse sujeito que não é capaz de se distanciar da oferta incessante de consumo, em que não há espaço para uma identidade que não aquela apoiada na lógica da obsolescência programada das mercadorias, em que não há tempo para se demorar em um mesmo lugar ou em uma identidade:

A dimensão subjetiva dos prazeres, das pulsões, dos afetos, transformou-se em força de trabalho na sociedade regida pela indústria da imagem. Que produz sujeitos esvaziados do que lhes é mais próprio, mais íntimo, portanto, disponíveis para responder aos objetos e imagens que os convocam; sujeitos ligados ao puro “aqui e agora” de um presente veloz, incapazes de imaginar um devir que não seja apenas a reprodução da temporalidade encurtada característica do capitalismo contemporâneo. (Kehl, 2015, p. 96)

Esse sujeito da contemporaneidade está constantemente envolto por uma oferta abundante de imagens e de representações do diferente, do adverso, positivando o negativo do outro e afastando-o. Contudo, o outro, em sua definição, não pode ser contornado, não pode fazer parte do próprio sujeito. De acordo com Emmanuel Lévinas (2005), o outro é sempre uma alteridade radical, que estabelece limite e não pode ser totalmente compreendido, possuído ou reduzido à condição de eu. Na tentativa de preencher esse vazio marcado pelo campo da alteridade, da diferença, põe-se em oferta vasta gama de imagens e de representações a respeito do outro (Han, 2017b). Conseqüentemente, é onde não pode haver o próprio, o si mesmo, que está o outro: “A relação bem-sucedida com o outro se expressa como uma espécie de fracasso” (Han, 2017b, p. 26). A abertura ao outro é, então, contrária à lógica do desempenho, na qual o sujeito não pode fracassar.

A busca por um lugar onde o sujeito possa se afirmar constantemente, longe da experiência vinda do vazio marcado pelo outro, é entendida como sinônimo de bem-estar, em um ambiente onde não há conflito, entendido como um ambiente feliz. Na contemporaneidade, a felicidade é comercializada como um bem de consumo, como uma forma de bem-estar. Ao analisar as definições do conceito de felicidade, as transformações que sofreu até a contemporaneidade e seu uso em campanhas publicitárias, Fogaça e Perez (2014) sublinham o caráter compulsório da felicidade vivido hoje. A felicidade, mais que um direito, torna-se um imperativo que deve ser realizado sempre de imediato, aqui e agora, negando-se toda a forma de mal-estar, não permitindo a presença da adversidade, uma vez que o sujeito atravessado pela ideologia neoliberal toma para si a responsabilidade da própria felicidade.

A felicidade é privatizada como bem-estar pessoal e torna-se um projeto individual (Fogaça e Perez, 2014). Transmuta-se em um bem de consumo, como medicamentos e guias de autoajuda que prometem bem-estar. Fogaça e Perez (2014, p. 228) ainda ressaltam que, diante dessa perspectiva, na relação do sujeito com sua felicidade “não se trata de simplesmente ser feliz, mas ser mais feliz, ser feliz ininterruptamente,

prolongadamente” – o que explicita o caráter da felicidade como um bem de consumo, além de limitar sua concepção à ausência de sofrimento. A felicidade se torna um projeto de investimento em bem-estar.

Foucault (2008, p. 433) bem aponta para a noção de que “o liberalismo, por sua vez, é atravessado pelo princípio: ‘sempre se governa demais’, ou, pelo menos, sempre se deve suspeitar que se governa demais”. Como efeito disso, propaga-se a ideia de se procurar um Estado mínimo. A respeito, Fortes (2009, p. 1136) diz que “vivemos em um mundo dominado pela iniciativa individual, que se realiza à custa do recrudescimento do privado em detrimento da esfera pública” – o que acarreta, por sua vez, “o enfraquecimento do Estado como figura que protege e vela pelos cidadãos [o que] acaba gerando, nestes últimos, um clima de insegurança” (Fortes, 2009, p. 1136). Nesse âmbito, a felicidade é tomada como uma conquista individual, em uma esfera privada, como um bem de consumo. Nos sujeitos, o efeito disso é, como assinala Fortes (2009, p. 1136), “como se dissessem para si mesmos: ‘se o poder de ser feliz está em suas mãos e você não o é, você é o grande culpado por isso’”.

Conclui-se, então, que a subjetivação, na contemporaneidade, é dada por “uma negação do sofrimento acompanhada da busca incessante de felicidade. A subjetividade é hoje caracterizada pelo hedonismo, pelo imperativo de gozo que se associa ao dever de ser feliz” (Fortes, 2009, p. 1125). Em face dessa obrigação de gozar, “a felicidade não é mais um direito ou uma possibilidade no horizonte da subjetividade: a felicidade tornou-se um dever” (Fortes, 2009, p. 1132). O contemporâneo, então, é marcado pelo imperativo da felicidade, pelo imperativo de gozo, com a negação da alteridade, do sofrimento, do outro, do conflito.

Kehl (2015, p. 89), citando Alain Ehrenberg, diz que “a desconfitualização do psíquico é concomitante da desconfitualização do campo social”. Portanto, entende a depressão como “um dos marcadores da dificuldade de se produzir uma relação a partir de conflito. [tendo em vista que] O conflito não é mais o grande motor da unidade social e da pessoa” (Kehl, 2015, p. 89).

Ao não ser capaz de se distinguir da incessante oferta de imagens, possibilidades de gozo e bem-estar, operadas pelo imperativo da felicidade e

da diversão, produz-se no sujeito uma falta de saber sobre si, um empobrecimento da dimensão subjetiva (Kehl, 2015). Ao renunciar suas referências de identidade – que dariam sustentação à sua singularidade, devido à grande oferta de consumo que se alia ao imperativo da obtenção da felicidade –, é que esse sujeito da contemporaneidade estaria mais propenso a se deprimir (Kehl, 2015). “A tristeza, os desânimos, as simples manifestações da dor de viver parecem intoleráveis em uma sociedade que aposta na euforia como valor agregado a todos os pequenos bens em oferta no mercado” (Kehl, 2015, p. 31). Sentir-se deprimido, então, seria a consequência direta de uma sociedade que faz da felicidade seu imperativo, pautando-se no consumo.

No entanto, a tentativa de suprimir a tristeza e os desânimos em prol de um projeto de bem-estar e felicidade constante parece falhar, restando um sujeito incapaz de lidar com a adversidade desses sentimentos, que lança mão à via facilitada para suprimi-la: a medicação, o consumo. Com isso, o processo de simbolização do conflito e da adversidade torna-se empobrecido. A negação contemporânea da tristeza, por conseguinte, acaba por gerar um efeito inverso ao que se pretende: o aumento de sujeitos deprimidos. Assumir que o aumento do número de casos de depressão são consequência dos imperativos de felicidade que imperam na contemporaneidade é dizer que esse discurso produz um sujeito incapaz de produzir um trabalho psíquico em relação ao conflito, à tristeza e ao desamparo (Kehl, 2015). Um sujeito, portanto, deprimido. De acordo com Kehl (2015, p. 217):

O imperativo do gozo que circula nas sociedades capitalistas do século XXI não aboliu a dívida simbólica nem anulou a principal característica do sujeito da psicanálise – o conflito psíquico. Por outro lado, a equivalência entre os ideais de felicidade e supressão do conflito constrói a perspectiva fantasiosa de que o sujeito possa se tornar idêntico a si mesmo . . . O empobrecimento da vida subjetiva que resulta das diversas estratégias contemporâneas de anulação do conflito – seja por via medicamentosa ou pela adesão sem reservas às ofertas de gozo em circulação no mercado – é cúmplice do atual crescimento dos casos de depressão.

O discurso do desempenho encontra apoio na lógica medicamentosa de tratamento dos desencontros da vida: “A ideia que se propaga nesse caso é de que as dores da vida deveriam ser todas dispensadas, eliminadas por

meio de medicação, na busca de um breu ótimo de eficiência existencial” (Kehl, 2015, p. 54). O que dá forma ao recuo ante o conflito, em nome do desempenho, que caracteriza esse sujeito contemporâneo.

A perspectiva de que os sentimentos – desde o luto, a tristeza, o vazio da falta de sentido, até o tédio, o desânimo e a improdutividade – devem ser tratados com medicamentos acarreta “uma patologização generalizada da vida subjetiva, cujo efeito paradoxal é a produção de um horizonte cada vez mais depressivo” (Kehl, 2015, p. 52). Tomar a tristeza e o desamparo como patologias é criar uma fábrica de sujeitos depressivos.

O discurso psiquiátrico faz par com o discurso do desempenho e da supressão da falta, promovendo o tratamento da depressão pelo caminho medicamentoso com vistas à boa adaptação do sujeito. De acordo com Kehl (2015, p. 252):

O depressivo é um fatalista: não aposta na potência criativa de sua ação. A psiquiatria, ao tratar sua dor moral como déficit, promove a convalidação social dessa fantasia que oprime o depressivo: de fato ele imagina que sua prostração se deva a um déficit de alguma coisa que aos outros, neuróticos ‘normais’, não falta.

Desse modo, a medicalização facilita o abandono da dimensão conflitiva no sujeito, no entanto, não o ajuda a enfrentá-la, produzindo o empobrecimento da dimensão subjetiva (Kehl, 2015).

No uso excessivo de medicamentos se encontra uma resposta imediata para o mal-estar, impedindo sua elaboração (Lima e Rudge, 2015). A vivência da dor e da tristeza é, hoje, uma patologia a ser tratada e erradicada com medicamentos, encontrando suporte no discurso psiquiátrico, que vem excluindo da dimensão subjetiva o processo de elaboração do luto, por exemplo. Como apontam Lima e Rudge (2015, p. 182):

O DSM parece atender às demandas da sociedade contemporânea ao viabilizar a medicalização como resolução para todo mal-estar, transformando em doença o que nunca foi. Um exemplo é o critério de definição do luto patológico, que foi antecipado de dois meses para 15 dias pelo DSM-5, quando sabemos que, há não tanto tempo atrás, as pessoas costumavam usar roupas negras de luto e recolher-se por pelo menos um ano, numa verdadeira moratória para elaborar a perda de alguém querido.

A desvalorização do luto é exemplo de um fator derivado da lógica acelerada do desempenho. Uma vez que ele se configura como um processo que exige do sujeito um tempo dilatado para sua elaboração, o luto é tratado como “perda de tempo”, e busca-se suporte no tratamento medicamentoso. Contudo, “a medicalização da tristeza ou do luto rouba ao sujeito o tempo necessário para superar o abalo e construir referências, e até mesmo outras normas de vida, mais compatíveis com a perda ou com a eventual incapacitação” (Kehl, 2015, p. 31). Esse fator atua no aumento de casos de depressão na atualidade.

É evidente que o uso de medicamentos, em muitos casos, é útil e tem grande importância no tratamento dos casos de depressão, porém, propagar o uso de medicamentos como resposta às questões subjetivas e ao mal-estar, tornando-o uma forma de erradicar o sofrimento, faz com que o sujeito se desimplique do seu sofrimento (Lima e Rudge, 2015), transformando-o em um fator externo que deve ser extinto. “A ênfase no tratamento exclusivamente medicamentoso faz calar o sujeito eliminando seu sintoma e tem como horizonte uma noção de cura que é entendida como correção, adaptação, retorno à ordem, à padronização dos comportamentos” (Lima e Rudge, 2015, p. 183).

A depressão a partir da psicanálise

Para ler a depressão a partir do olhar atual da psicanálise lacaniana, é preciso introduzir uma categoria conceitual elaborada por Lacan a partir dos textos freudianos: o grande Outro. Esse conceito se pauta na noção do discurso inconsciente como um lugar, lugar simbólico da linguagem, como estrutura simbólica, bem como lugar da cultura, ou, ainda, de pessoas que assumem um papel fundamental na constituição subjetiva, tendo, assim, um efeito incontornável para a formação da subjetividade. Nas palavras de Antônio Quinet (2012, pp. 20-21.):

O grande Outro como discurso do inconsciente é um lugar. É o alhures onde o sujeito é mais pensado do que efetivamente pensa. . . . É de onde vêm as

determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido.

Esse conceito, o grande Outro, é escrito na teoria lacaniana com a inicial maiúscula, dispensando o adjetivo “grande” ao se tratar do Outro (Quinet, 2012). Vê-se, então, que é a partir do Outro que o sujeito constitui sua subjetividade, está inserido no discurso do Outro, e é nele que vem a se reconhecer, uma vez que o Outro:

É o lugar onde se coloca para o sujeito a questão de sua existência, de seu sexo e de sua história. . . . É um lugar simbólico, lugar dos significantes, onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age. Nada do sujeito escapa ao Outro: sua mente e seu corpo, seus movimentos e seus atos. Seus sonhos e sua vigília. (Quinet, 2012, p. 22)

Kehl (2015, p. 21), em seu livro *O tempo e o cão*, analisa a depressão na contemporaneidade sob a perspectiva do tempo acelerado da sociedade capitalista, assinalando: “O que o Outro exige do sujeito contemporâneo é sempre que ele goze. Muito.” Nesse percurso, retoma o conceito de sociedade do espetáculo de Guy Debord (1997), que se refere às relações sociais perpassadas pela infinidade de imagens postas à disposição dos indivíduos, que oferecem um sentido uno e fechado do outro, ao qual o sujeito se identifica, positivando sua relação com o outro em um movimento de exclusão da dimensão da alteridade, do desconhecido do outro. Dessa maneira, assinala que “a face imaginária do Outro vem sendo positivada constantemente por obra da indústria do espetáculo, cuja oferta de imagens recobre quase toda face do planeta” (p. 92). Tal processo é correlato à marca da negação da negatividade e dos imperativos de felicidade experimentados em nosso tempo.

A oferta de imagens positivadas do outro, sempre disponível, articula-se com a ocorrência das depressões quando vistas como efeito de uma simbolização precária da ausência, do desconhecido, ou, ainda, da

alteridade. O sujeito deprimido é aquele que experimenta a ausência de ausência, a falta de falta, atrofiando os meios possíveis de simbolização do vazio e tornando-se incapaz de um fazer a partir dele (Kehl, 2015).

O aumento de episódios depressivos se justifica nesse movimento – cada vez mais facilitado – de renunciar a se deparar com o vazio e agir a partir dele “em troca de tantas ofertas/demandas de gozo de/para o Outro” (Kehl, 2015, p. 101). Nessa perspectiva, a depressão pode ser entendida como uma reação à disposição dos organizadores da vida social que nos atropelam na contemporaneidade: desempenho, adaptação, felicidade constante, produção e consumo. “O sujeito se refugia na depressão justamente porque não dispõe de recursos para se defender da voracidade do Outro” (Kehl, 2015, p. 256).

Considerar a depressão como sintoma social contemporâneo é concebê-la como uma forma de contestar a ideia vigente do sujeito como um projeto de si, é afirmar “que os depressivos constituam, em seu silêncio e em seu recolhimento, um grupo tão incômodo e ruidoso quanto foram as histéricas no século XIX” (Kehl, 2015, p. 22). Isso esclarece o ascendente interesse da psiquiatria e da indústria farmacêutica na tentativa de desenvolver técnicas que se ocupem de “solucionar esse problema”, prometendo resultados a partir de uma compreensão biológica da depressão, com antidepressivos e estabilizadores de humor propostos a fim de suprir uma falta – a falta de serotonina – que podem garantir bom humor e adaptação do sujeito ao projeto de felicidade. Portanto, entende-se que “os depressivos, cujo número parece aumentar na proporção direta dos imperativos de felicidade, são incômodos na medida em que questionam esse projeto” (Kehl, 2015, p. 103). Assim, obtém-se a dimensão do sintoma social como produto das práticas e dos valores vigentes:

Afirmar que a depressão é um sintoma social contemporâneo equivale a afirmar que representa, no início do século CCI, o que a histeria representou para as sociedades europeias no final do XIX: uma forma de mal-estar que, ao se expandir contra a corrente das crenças, valores e práticas corriqueiras, interroga as condições atuais do laço social. (Kehl, 2015, p. 217)

Nessa concepção de sintoma social, a depressão pode ser entendida como um sintoma que faz faltar o imperativo de gozo e a crença no consumo como meios de felicidade (Kehl, 2015). Os sujeitos depressivos se inserem nesse contexto na medida em que “o recuo do depressivo ocupa esse lugar do sintoma social. Ao deprimir-se, ele tenta fugir do excesso de ofertas (entendidas como demandas pelo sujeito) do Outro para se refugiar debaixo das cobertas” (Kehl, 2015, p. 141).

Han apresenta uma visão do contemporâneo pautada na negação da negação e localiza a estrutura superegoica freudiana como negativa. O superego, instância psíquica elaborada por Freud que tem como características a repressão, a moral, bem como a lei, é uma instância negativa na medida em que o sujeito introjeta essas normas a partir de um outro. Com essa noção, Han (2017a) afirma que, na sociedade da positividade, já não há mais participação do outro, do negativo, na constituição dessa instância psíquica, o que tornaria obsoleta, na contemporaneidade, a psicanálise freudiana. Apesar de Han não se contrapor à psicanálise lacaniana, o autor deriva da sua conclusão formulada a partir da noção negativa do superego freudiano para afirmar: que “o inconsciente não tem influência na depressão” (Han, 2017a, p. 89) e que, na depressão, “não há qualquer participação da dimensão do outro”. (Han, 2017a, p. 91).

As críticas de Han podem ser respondidas com a noção lacaniana de superego, quando tomamos as elaborações de Lacan acerca do superego freudiano, que o dispõem como imperativo de gozo: “Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo de gozo – Goza!” (Lacan, 2008, p. 11). Tal formulação interpreta a instância superegoica de modo a fazer par ao sujeito, dispondo-se de forma positiva, afirmativa, enquanto liberdade e possibilidade para o sujeito. Kehl (2015, p. 94) afirma: “Que essa seja uma das faces contraditórias do imperativo superegoico – ‘goze!/não goze!’ – só faz tornar essa exigência, promovida à condição organizadora do laço social, ainda mais angustiante e opressiva para os sujeitos”. O superego deixa de ser uma instância que reflete negatividade, estranheza, coação ao sujeito, mas, sim, que opera em conjunto com o eu, na medida em que este deve cumprir o ideal de ser ele mesmo, livre, feliz, autossuficiente e produtivo.

Han (2017a) ainda afirma que o sujeito contemporâneo de desempenho não está assujeitado a ninguém e que, desta forma, passaria a viver como empreendedor de si em seu projeto de vida. Contudo, pode-se constatar que sua autocoação para o desempenho e seu projeto se faz, ainda, como presença da marca deste. Outro que funda o lugar do sujeito, a presença do Outro no imperativo de gozo que orienta sua vida, bem como em sua fala. Como visto, o Outro é linguagem, cultura, que coloniza o sujeito desde antes mesmo de seu nascimento. Não há sujeito sem linguagem, e a linguagem é o Outro, bem como o nome próprio que nos é dado por um outro.

Assim, o movimento de negação da negatividade, do outro – caminho que a sociedade de consumo renuncia –, não chega ao seu fim, mas continua em movimento, na tentativa de negar o outro. Contudo, negar o outro não erradica sua presença e sua marca, assim como “na sociedade de consumo, gozar é a forma mais eficaz de trabalhar para o Outro” (Kehl, 2015, p. 96). Dessa operação, resta um sujeito que fracassa na tentativa de eliminar toda forma de negatividade, não lhe sobrando meios para lidar com a presença do negativo, do outro, vendo-se como falha em seu projeto. O depressivo não conta com recursos para agir diante do Outro, o que culmina em seu fatalismo perante a vida:

A aliança entre os ideais de precisão científica e de eficiência econômica produz uma versão fantasiosa da vida humana como um investimento no mercado de futuros. . . . É evidente que, de acordo com a lógica subjacente a esse projeto, o campo incerto da subjetividade . . . deve ser reduzido à sua dimensão mais insignificante a fim de que nenhum rodeio inútil se interponha entre cada projeto de vida e sua meta final. Tal desvalorização dos meios (e dos rodeios, dos descaminhos, da errância e de todas as formas de digressão que permitem certo usufruto desinteressado do tempo) em prol de uma finalidade urgente e inquestionável favorece o sentimento genuinamente depressivo de desvalorização da vida. (Kehl, 2015, p. 56)

Em função disso, o dispositivo psicanalítico se apresenta como meio de tratamento para as depressões, uma vez que “se, como vimos, o mundo contemporâneo é regido pela negação do sofrimento, há na psicanálise, em contrapartida, o acolhimento à dor” (Fortes, 2009, p. 1139). O percurso de

tratamento psicanalítico volta-se para a aparição do sujeito, um sujeito que advenha, justamente, do encontro com a falta, deparando-se com o vazio, com a falta, com esse Outro e com o estranho na própria fala, deitando-se e demorando-se naquilo que de si não sabe. Isso também vai ao encontro da proposição apresentada por Han (2017b) de que aprender a conviver aberto à relação com a alteridade, ao outro, ao negativo, é o que garantiria sanidade ao sujeito.

Lacan formula o inconsciente como um saber, um saber que é dito (Jorge, 2005), assim como “um saber que não se sabe, . . . um saber Outro” (Jorge, 2005, p. 66). Mais além, Lacan afirma que o inconsciente é o discurso do Outro e fala a respeito do Outro (Eidelsztein, 2017). Tendo em vista que o trabalho psicanalítico se volta para a escuta do sujeito do inconsciente, fica evidente a importância que a alteridade toma em um processo de análise, em que se aborda a diferença, a falta, o vazio, a negatividade, o conflito e o estranho. Aqui, porém, não se trata de encobrir, negar ou ainda tentar suprimir isso, mas, sim, de experimentar sua presença, dialogar com essas questões e produzir um saber próprio a seu respeito. Em análise, o sujeito não está resguardado da presença do vazio, mas deve se defrontar com essa angústia, e a tolerar, para que possa produzir um saber a partir dela (Kehl, 2015).

Quando Han (2017a, p. 88) afirma que hoje as depressões estão ligadas “à incapacidade de dizer não”, temos outro indicativo da psicanálise como forma de tratamento: Kehl, em *O tempo e o cão* (2015, p. 95), cita, em nota de rodapé, Slavoj Žižek, que em 2003, em um debate com psicanalistas em São Paulo, ao ser perguntado a respeito das possibilidades do analista na atualidade, propôs que “não cabe ao analista proibir as pessoas de gozar. Mas ele pode ser o porta-voz da autorização para não gozar”. Atravessar uma análise viabiliza o sujeito a barrar esse Outro apressado da atualidade, que o engole em suas ofertas e demandas de gozo, viabilizando um sujeito capaz de dizer não.

A psicanálise, então, apresenta-se como possibilidade de tratamento das depressões na atualidade. Seja por tratar justamente com isso que se procura negar, a alteridade, ou, ainda, por permitir ao sujeito um lugar em que ele possa se demorar em sua dor, dialetizá-la, dando-lhe a possibilidade

de transformar seu sofrimento em uma narrativa, apropriar-se e agir a partir dela. “Para os depressivos, trata-se de buscar a duração de um tempo necessário para que o sofrimento se converta em experiência” (Kehl, 2015, p. 224).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou elaborar uma expansão teórica acerca da depressão na atualidade, na qual os casos vêm aumentando cada vez mais, apesar das formas mais difundidas de tratamento do transtorno. A análise do contexto social contemporâneo e seu impacto na formação subjetiva nos prenuncia a manutenção do aumento no número de casos. Os meios contemporâneos de construção subjetiva analisados revelam um sujeito que sempre tem à sua disposição a depressão como possibilidade.

A investigação teórica delimitada no trabalho nos oferece a perspectiva do aumento de episódios depressivos entre os indivíduos, na atualidade, como expressão de um sintoma social, como formação reativa das técnicas de formação subjetiva do neoliberalismo: o depressivo não busca pelo seu interesse e não produz.

Diante dessa perspectiva, o debate com o campo psicanalítico faz valer o método da psicanálise como perspectiva de tratamento para esse sujeito, uma vez se pondo a trabalhar a partir do vazio sentido em sua vida (Solomon, 2018).

Também se buscou debater as análises filosóficas de um teórico da atualidade que versa sobre o tema das depressões, Byung-Chul Han, confrontando suas teorias com o campo da psicanálise, assim apontando fundamentos para outro caminho possível para as depressões que foi posto de lado pelo autor: a psicanálise. Assim, pode-se pensar a psicanálise como método de tratamento da depressão a partir do olhar filosófico de Han e de como as noções lacanianas da psicanálise respondem à problemática da depressão na atualidade interpretada por Han.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- American Psychiatric Association (APA). (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Debord, G. (1997). *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- Eidelsztein, A. (2017). *O grafo do desejo*. 1. ed. São Paulo: Toro editora.
- Ferrari, M. A. L. D. (2006). O papel da diferença na construção da identidade. *Boletim de Psicologia*, 56(124), 1-8. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Fogaça, J., Perez, C. (2014). Felicidade adjetivada: polifonia conceitual, imperativo social. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 37(1), 217-241. doi: 10.1590/S1809-58442014000100011
- Fortes, I. (2009). A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(4), 1123-1144. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400004&lng=pt&tlng=pt.
- Foucault, M. (2008). *Nascimento da biopolítica*. (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Original publicado em 2004).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996a). Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Han, B-C. (2017). *Topologia da violência*. (E. P. Giachini, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2011).
- Han, B-C. (2017a). *Sociedade do cansaço*. 2. (E. P. Giachini, Trad.) ed. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2010).

- Han, B-C. (2017b). *Agonia do eros*. (E. P. Giachini, Trad.) 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2012).
- Han, B-C. (2017c) *Sociedade da transparência*. (E. P. Giachini, Trad.) 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2012).
- Han, B-C (2018). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. (M. Liesen, Trad.) 1. ed. Belo Horizonte, MG: Âyiné. (Original publicado em 2000)
- Jorge, M. A. C. (2005). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. 2. ed., 12 reimpr. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kehl, M. R. (2015) *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2. ed., [4. reimpr.]. São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)* (3ª. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lévinas, E. (2005). *Entre Nós: Ensaio sobre a alteridade*. 2. ed., Petrópolis: Vozes.
- Lima, J. M. & Rudge, A. M. (2015). Neurose obsessiva ou TOC?. *Tempo psicanalítico*, 47(2), 171-187. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200012&lng=pt&tlng=pt.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Solomon, A. (2018). *O demônio do meio-dia: Uma anatomia da depressão*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recebido em 23/11/2020

Aceito em 03/07/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.